

**CANDOMBLÉ E SUAS HIERARQUIAS
SOB A PERSPECTIVA DE FILHOS DO REINO DE IEMANJA CANDOMBLÉ D'XANGÔ
BABALORISÁ PAI NILO DE XANGÔ**

JOSÉ FRANCISCO RODRIGUES¹; LOUISE PRADO ALFONSO²

¹ Universidade Federal De Pelotas - UFPEL – josef-rr@hotmail.com

² Universidade Federal De Pelotas - UFPEL – louise_alfonso@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

Este texto é baseado em meu primeiro exercício etnográfico, do primeiro semestre, do curso de antropologia e tem por finalidade trazer visões da hierarquização da casa de candomblé REINO DE IEMANJA CANDOMBLÉ D'XANGÔ, dirigida pelo seu fundador, Babalorisá Pai Nilo de Xangô, a qual eu frequento. A pesquisa se dá sob a perspectiva de quatro integrantes que irão falar sobre seus entendimentos de como as hierarquias se aplicam na prática de seus ritos.

A casa está situada no bairro Getúlio Vargas-Rio Grande-RS, um bairro periférico, de zona portuária, com população em vulnerabilidade socioeconômica, que enfrenta problemas com drogas, violência, entre outros. Grande parte dos frequentadores deste terreiro é composta pela população local, mas também participam pessoas de outras localidades, inclusive pessoas de várias cidades e estados. O dirigente da casa, Babalorisá Pai Nilo d'Xangô, tem mais de 50 anos de feitura de santo (feitura de santo é fazer a iniciação e todos os demais rituais necessários para se tornar um Babalorisá), a qual fez no estado do Rio de Janeiro, sendo que mesmo antes de entrar pro candomblé já era orientador espiritual pela umbanda. O pai Nilo foi feito na nação Angola, filho de pai Dedé de Xangô e afilhado do Joãozinho da Goméia. (Babalorisá é o sacerdote de candomblé (pai de santo) e padrinho é um babalorisá que ficará como responsável pelo afilhado na ausência do pai de santo). O Reino de Iemanjá Candomblé d'Xangô foi fundado na década de 1960 e, desde então, foi responsável pela feitura de mais de trezentos filhos, contando hoje com aproximadamente oitenta integrantes assíduos no terreiro, entre filhos e netos de santo. Para obtenção dos resultados apresentados consulte as seguintes bibliografias, CUCHE(1999) para entender noções de cultura e como esta é uma representação, mesmo que distante e incomum, MALINOWSK (1987) e VELHO(2008) sobre etnografia e a importância do distanciamento do antropólogo quando o objetivo é estudar algo que lhe é familiar. NAPOLEÃO(2011) sobre vocabulário yorubá, explicando alguns dos termos usados, REIS(2000) também para a tradução de alguns termos e ROCHA(2006), sobre o etnocentrismo.

2. METODOLOGIA

O presente trabalho se trata de um ensaio etnográfico, sendo esta minha primeira experiência na área. Dois elementos foram importante para a pesquisa entrevistas e observação participante. As entrevistas foram realizadas nas residências dos entrevistados e registradas através de gravações em áudio. Foram entrevistados Iyalorisá Maria das Graças Moraes Studinski - Iya kekere (mãe pequena); Babalorisá Pablo Pinto de Cantos - Ogã (tamboreiro); Iyalorisá Eloisa Elena Pereira Pinto - Iya Basé (cozinheira) e o Babalorisá-Marcelo Moraes Studinski (sem cargo na casa).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Através das entrevistas traço um paralelo entre as opiniões e o meu entendimento pessoal sobre os cargos hierárquicos desta casa de axé. Respeitei a hierarquia dos entrevistados ao organizar aqui suas falas.

A Iyalorisa Maria das Graças Moraes Studinski frequenta a casa há 45 anos, tem 37 anos de feitura e ocupa o cargo de Iya kekere faz 30 anos. Segundo a Iyalorisa, é muito importante a hierarquia no terreiro para poder manter a ordem e o respeito. Poderemos observar em sua fala, a importância de seu cargo para o terreiro, explica que foi escolhida pelo pai Nilo, pelo Xangô para ser a substituta do “no momento que ele não esteja, se afasta, a responsabilidade toda ali é minha”. Ela ressalta que tem o livre arbítrio para fazer “o que eu quiser. Temos esse cargo assim. De todos, nunca vão passar por cima de mim e do pai Nilo”. A interlocutora ressalta que o cargo merece respeito, todos devem:

chegar, bater a cabeça ,né, pra ele, pra mim, né, então é uma responsabilidade dada pelo Xangô, ,né e ele me escolheu pra ajudar, né, pra dividi um pouco da responsabilidade durante os toques, durante as nossas organizações, nossas reuniões, enfim... isso né. (Iya kekere Iyalorisa Maria das Graças, gravação pessoal, julho de 2016)

Como frequentador da casa, percebo que nem sempre a Mãe Pequena é respeitada da forma como seria exigido pela casa. Por sua personalidade sua autoridade é desconsiderada. Pode-se notar, por parte de alguns filhos, inclusive o desconhecimento do que significa ser *Mãe Pequena* dentro dos rituais da casa, o que permite o ignorar de seu cargo. Essa opinião é compartilhada pelo irmão Babalorisa Marcelo de Xangô. Para ele “Ai que está a questão dos conflitos, né” As hierarquias não são entendidas e respeitadas na casa. Segundo Marcelo, as pessoas não compreendem que cada um tem o seu lugar dentro de um terreiro e que cada lugar é “de uma importância extrema. Quer seja aquele Yao iniciante, que a princípio só pode pegar numa vassoura e varrer, quanto aquela Iya Basé responsável pela cozinha, pela comida do Orixá.(...)” Ele ressalta ainda que se as pessoas não entendem a hierarquia é porque está “faltando organização”, pois esta é referência em “toda a estrutura do Candomblé”. Completa relatando que o conhecimento é passado sempre do “mais velho para o mais jovem, na idade do santo” e que deter esse conhecimento não “vai te fazer melhor do que ninguém”, pois quanto mais “tu ensinas, mais tu aprendes. Né, então, quando alguém faz uma determinada proibição... tem a obrigação de me explicar”. Ele finaliza afirmando que cabe da pessoa “saber lidar com o poder, né? Porque se você recebeu um cargo e outra pessoa vai lá infringir alguma regra que cabe ao teu cargo, a tua função ensinar. Se o outro errou é porque você falhou neste sentido”. Pode-se notar através desta fala que ele compreende o desrespeito não a um ou outro cargo, mas sim de maneira geral e atribui o desrespeito ao desconhecimento e ao despreparo.

Para Iya kekere “todo lugar toda casa sempre tem alguma discórdia né, mas cada um vem fazendo a sua parte”, ela acredita que o aprendizado se dá a partir do erro/acerto: “acredito que tentando acertar errando né que todo mundo erra acerta e assim a gente vai indo né tentando acertar”. A interlocutora ressalta que não se deve julgar os erros alheios “pois se há erro, foi tentando acertar”. Para ROCHA, o julgamento ou pré-julgamento de uma ação inconveniente ao rito está relacionado aos “diversos mecanismos de reforço para o seu estilo de vida através de representações negativas do ‘outro’” (2006, p. 15).

Em meu processo de entendimento do familiar enquanto “outro”, de estranhamento, procurei a diferença de olhar, agora, como externo, a partir de minha própria compreensão sobre temática pela autoetnografia. Parti do meu não entendimento de um rito denominado “*Mesa dos Alabés*”, termo que designa duas funções distintas, tendo uma subdivisão. A minha não compreensão do por que dos Asògún e os Ogãs compõem esta mesa, se no meu entendimento, Alabé era

apenas um sinônimo de Ogã, me fez refletir sobre a hierarquia na casa e aprofundar minha pesquisa ao questionar meus irmãos de santo. Segundo o irmão Marcelo de Xangô “esse Ogã, que é cargo masculino, vai se subdividido em Alabê e ai vai ser subdividido em Asògún, Oloiê e assim, outros vários nomes no Candomblé”. Para ele “a hierarquia no Candomblé funciona assim: primeiro lugar o Babalorixá ou a Iyalorixá, que é responsável pela casa toda”. Abaixo deles estariam a mãe pequena e o pai pequeno. Depois, viriam “os Asògún e os Alabés. Os Asògún são responsáveis pelo sacrifício dos animais e os Ogãs Alabés responsáveis pelo toque dos atabaques”.

O mesmo estudo de caso possibilitou um aprofundamento da discussão por parte da Mãe Pequena. Para ela “os outros cargos são tipo os Asògún da casa, né, que já é um cargo”, ela segue explicando que a casa não tem muitos outros cargos “a não ser o Alabes, né, que são os tamboreiros, né, que ai eles têm o cargo de cuidar dos tambores e de tocar”. Ela finaliza explicando que essa responsabilidade “é deles, né, jamais vai ser de outros né? e tipo, os Asògún também. São essas quatro as responsabilidades que a gente tem na nossa casa”.

Essa diferença de compreensão pode ser explicada pela oralidade da forma de ensino/aprendizado em divergência dos estudos acadêmicos realizados sobre a religião. O Babalorisá Marcelo de Xangô afirma que existem duas visões sobre o tema, uma que mostra o Candomblé estudado pela academia e outra empírica “que é nascer no Terreiro, né? É onde eu nasço. Neste Candomblé de Xangô do Pai Nilo. E são duas visões... não são distintas, mas são diferentes”.

A fala do Alabé Ogã Babalorisá Pablo d'Oxalá traz uma discussão sobre hierarquia e desrespeito às pessoas mais velhas e detentoras de cargos e respectivas responsabilidades. Para o interlocutor, na casa de religião “não existe esse respeito, essa hierarquia. Porque tem muitos filhos novos, iaôs, querendo se comparar aos filhos velhos, ebômis. E isso, a minha visão isso é errado”. Ainda segundo ele, “cada coisa ao seu tempo. Pra tudo na religião tem seu tempo. Até os sete anos, o filho é iaô. Após isso é ebômi. Se tem cargo na casa será determinado pelo dono da casa.” Já Pablo d'Oxalá demonstra o conhecimento das hierarquias por ser um dos mais velhos dentre os Alabes Ogãs e também o responsável pela organização a desenvolvimento dos toques. Ele aponta para a hierarquia também entre os atabaques, que são considerados parte viva da casa, pois comem e descansam nos rituais de sacrifício. Ele relata que são três atabaques usados no Candomblé, “o maior chamado Rum, o médio chamado Rumpi e o menor chamado Lê. São tocados por Ogãs e Alabés. O Alabé é o que entoa os cantos para os orixás dançarem. Ele é responsável por cantar o Xirê.” Segue dizendo que os atabaques também comem e recebem as suas obrigações, de tempo em tempo, para reforçarem as suas energias. E quando vão “pra uma obrigação, principalmente os ogãs que forem tocar os atabaques não podem ter contato com droga, bebida alcoólica; não pode ter relação sexual”. Isso se dá pois o atabaque também tem vida e “é através deles que vamos executar os toques para as divindades descer na terra”.

Iyá base Iyalorisá Eloisa d'lansã traz uma visão mais voltada ao respeito indistinto dos cargos, mas não deixa de enfatizar a importância desses. Por ser minha Iyá Isãmì (madrinha), fala mais de um amor incondicional ao santo e aos mais velhos, trazendo assim à entrevista mais um tom de ensinamento, que cabe ao seu cargo com relação a mim, como foi dito antes, os conhecimentos são passados dos mais velhos aos mais novos. Essa percepção também está no âmbito de minhas tentativas de estranhamento do familiar. A interlocutora fala do respeito quanto aos ritos exemplificando o fato de quando se tem irmãos recolhidos não se deve praticar sexo e nem ingerir bebida alcoólica. Essas falas

demonstram que respeito também está relacionado a normas de comportamento. Por fim, ela afirma a importância da cozinha nos ritos, dizendo que “quando na cozinha dá tudo certo, os trabalhos correm bem e quando não, provavelmente ocorra algum dessabor durante os ritos”.

Este trabalho demonstra o que VELHO (2008) critica sobre a distância que alguns antropólogos afirmam ser necessária entre pesquisador e o pesquisado “evitando envolvimento que possam obscurecer ou deformar seus julgamentos e conclusões.” (VELHO, 2008, p 122 – grifos do autor). Sendo parte integrante do terreiro, sendo eu iniciante na antropologia, ainda se faz impossível abstrair por completo, no entanto acredito ter conseguido entender os posicionamentos dos irmãos tendo um olhar antropológico, de mais distanciamento. A pesquisa me motivou o desejo de “experimentar uma variedade de modos humanos de vida: o desejo de transformar tal conhecimento em sabedoria” (MALINOWSKI, 1987, p145). Ainda através dos olhos do “outro”, “ver o mundo exterior e sentir como ele deve sentir-se ao sentir-se ele mesmo” (1987, p145). Ou seja, aprendi através dos olhares e vozes internos, ressignificar o meu olhar diante a mim, assim como do grupo ao qual pertencço. Enfatizando o respeito que os filhos de santo devem aos seus superiores hierárquicos, porém sem esquecer que mesmo que os irmãos venham a se tornar, em suas jornadas, “pais ou mães de santo, a responsabilidade deles, é na casa deles. Ali, eles são sempre irmãos. Serão sempre filhos de santo.” (Iya kekere Iyalorisa Maria das Graças, gravação pessoal, julho de 2016)

4. CONCLUSÕES

Desta forma, foi possível evidenciar a hierarquização na casa estudada e as relações de respeito entre seus membros. E, através do curso de antropologia meu olhar se alterou para as relações entre as pessoas da casa. Ressalto aqui a importância da aproximação entre a disciplina e o projeto de extensão do qual também faço parte que objetiva a patrimonialização de uma terreira, haja visto que os autores dialogam entre si, possibilitando assim um maior entendimento sobre o olhar da universidade para as religiões de matriz africana.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Bauru: EDUSC, 1999.
- MALINOWSKI, B. K. *in* DAMATTA, R. **Relativizando**: uma introdução à antropologia social. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.
- NAPOLEÃO, E. **Vocabulário Yorùbá**. Rio de Janeiro: Pallas, 2011.
- REIS, A. M. **A panela do segredo**. São Paulo: Arx, 2000.
- ROCHA, E. P. G. **O que é etnocentrismo**. São Paulo: Brasiliense, 2006.
- VELHO, G. **Individualismo e cultura**: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea. Rio de Janeiro: Zahar Ed. 2008